

QUESTÃO 2.

As relações transocênicas que se desenvolveram entre América, África e Ásia, ~~desde~~ ^{a partir} do séc. XVI, estão diretamente ligadas ao processo de expansão europeia no século XV. De acordo com Luís Filipe Thomaz, a expansão portuguesa deve ser vista na sua singularidade, que tinha como motivações políticas, econômicas e religiosas. A partir de interesses mercantis, a burguesia buscava ascender socialmente, a nobreza buscava manter e ampliar o seu poder político e a Igreja expandir a fé católica, que dentro de um contexto europeu encontrava conflitos. A estruturação e manutenção do Império Português deve levar em consideração esses movimentos, que atuavam em meio a seus interesses.

Dessa forma, ^oacompanharmos as renovações historiográficas, a ideia de Império não deve ser vista dentro de uma unidade, pois ao levarmos em consideração as diferentes formas de governança do Império Português - de feitorias até a ocupação territorial sistêmica - , enxergamos uma multiplicidade do estatuto colonial que se instituiu em alguns locais, principalmente na América. O Império Português deve ser analisado a partir dos diálogos estabelecidos nas regiões que ocupou.

Na América a administração colonial contou com a constituição de uma aristocracia senhorial, através da distribuição de sesmarias pela monarquia portuguesa, que a partir de 1530 voltou seus esforços para a ocupação da região. Os interesses mercantis levaram as primeiras formas de ocupar o território através das capitânicas hereditárias - sistema desenvolvido através das cartas de doação concedidas pelo rei. A prerrogativa de administrar uma capitania constava nos forais, espécie de obrigações que o donatário tinha que cumprir na nova terra: preparavam competências políticas, judiciais e fiscais. Chama a atenção nesse cenário as inúmeras reclamações de donatários, vistas através de fontes documentais, que relatavam os problemas existentes nas capitânicas, principalmente com as enormes despesas e com as invasões indígenas, que eram constantes.



É importante salientar o quanto que ao longo do tempo, o poder político estará ramificado em múltiplos círculos autônomos de poder, desde as famílias, passando por cidades, corporações e Senhorios. Mesmo de uma lógica vista, seria a sociedade funcionando como um grande corpo uno. Todavia essa unidade, que exigia no regime colonial uma centralização no poder da Coroa, foi resistida e substituída pela ideia da colônia como espaço de negociação, feita através de redes pessoais e institucionais.

Ao nos voltarmos para as especificidades locais dos territórios ocupados por Portugal, dessa forma, mudando o olhar eurocentrista que marcou a historiografia, a presença portuguesa ganha novas dimensões. Na África, precisamente no Congo, destacou-se a influência católica na região. O domínio português era ressaltado principalmente com a conversão do "rei" mamungo ao catolicismo. Mas ao analisarmos sobre o olhar de dentro do território congolês, percebemos os interesses envolvidos nessa conversão, sobretudo, os econômicos. O tráfico de escravos, responsável pela riqueza do "Império" Congo tinha essas relações. E chama a atenção também como a crença religiosa católica foi resignificada dando origem a uma religião híbrida (cristã e banto), o que Ronald Ramirelli chamou de "diálogo surdo", visto que essas novas imbricações eram ignoradas pelo Império Português.

As relações no continente africano também foram marcadas pelas relações mercantis, diálogos com as lideranças locais e pequenas ocupações através do sistema de feitorias. Não houve o objetivo de destruição e aniquilamento das tradições locais, embora isso tenha ocorrido em diferentes níveis: principalmente por meio do Tráfico Atlântico que impulsionou um processo de diferenciação social entre os povos africanos, intensificou as guerras locais e gerou um processo de concentração da riqueza e do poder. Destaca-se que o comércio estabelecido entre portugueses e africanos eram pautados pelas lideranças locais, que controlavam o tráfico de escravos.

Em relação à América, as redes mercantis na teoria eram controladas pela coroa, mas na prática existiam intensas trocas comerciais, tanto no interior do Brasil, quanto numa lógica intercontinental, à medida que novas pesquisas apontam para a ideia de que os grandes comerciantes/investidores no tráfico atlântico estavam nas praças comerciais brasileiras e não na metrópole - chamados por João Fragoso "comerciantes de grossa ventura".

Ao considerarmos esses pontos relevantes acerca da presença portuguesa na América, África e Ásia, devemos problematizar o termo Império Português como lugar de coesão, em que as estruturas imperiais são tecidas de modo rígido. ~~uma~~ ^{uma} nova interpretação traz a tona uma série de questionamentos existentes no Brasil ao longo do seu período colonial, revoltas que não tinham, necessariamente, o objetivo de romper com a metrópole, mas negociar melhorias, redução de impostos e maior autonomia.

Do mesmo modo, a presença portuguesa na África e na Ásia não significou uma unidade, de diferentes formas de governança, com uma presença nem sempre rígida, os caminhos para o fortalecimento do Império português foram constituídos.

Portanto, se levarmos em consideração as complexidades internas que fizeram parte do Império, enriqueceremos as problemáticas das relações conflituosas, mas por vezes também amistosas dos portugueses no mundo transatlântico.

Questão 3

O período político entre 1945-1964 é marcado pela república democrática, ^{e pela} ~~que~~ ~~o~~ ascensão de políticos próximos das questões dos trabalhadores. O movimento quixotista que marcou as reivindicações de setores populares pela volta de Vargas, explícita, de acordo com Jorge Ferreira o quanto os ganhos sociais do período anterior estavam ligados à figura do presidente. ^{Por outro lado} ~~esse~~ ~~movimento~~, ganha corpo um movimento que ao longo do período democrático, passa a buscar por meio dos trâmites políticos os seus direitos, não vistos mais como benefício.

A década de 50 e principalmente a década de 1960 é ^{resaltada} ~~como~~ como um período de emergência de movimentos culturais que ganham as raízes através de músicas críticas, os palanques, através da formação de companhias de teatro que traziam à tona diversas reivindicações sociais de setores múltiplos, assim como as salas de cinema, destacando-se o "cinema Novo" de Glauber Rocha, que resalta a desigualdade social existente no novo país. Por outro lado, busca por reformas, no campo educacional, mas também nos campos, na política e nos impérios deixavam claras o desejo de mudança também através das instituições democráticas.

Contra essa movimentação, ligada à esquerda brasileira, vemos surgir movimentos conservadores, que baseados em teorias de segurança nacional anticomunistas, pretendem frear os avanços. "As marchas da família com Deus pela liberdade" são características desses contramovimentos que pediam a intervenção militar e a deposição de João Goulart.

Como forma de trabalhar esse período em sala de aula, é importante ressaltar as complexidades que cercam esses movimentos. Problematicizar a emergência de uma cultura que não está mais comprometida com os valores das elites, mas trazer para o cenário críticas sociais, demandas de outros setores da sociedade. Podemos pedir que após

Uma contextualização dos movimentos de cultura presentes naquele momento, a turma seja dividida em grupos, para aprofundar sobre as reivindicações presentes no cenário cultural e social. Um grupo ficaria responsável pelo teatro, outro pelo cinema e outro pelas músicas. Após uma breve pesquisa, voltariam para a próxima aula contextualizando as demandas sociais existentes no interior dos movimentos culturais. Destaca-se a Reforma agrária, a questão da desigualdade social, a questão do negro. Em meio a esse diálogo buscaremos analisar como as reformas políticas defendidas no governo João Goulart buscavam atender reivindicações que estavam em meio à sociedade. Podemos escolher partir também de sujeitos no interior desses movimentos.

Outra atividade seria buscar um diálogo com a atualidade, buscando manter um cuidado com o anacronismo. Levar recortes de jornais da década de 1960 e jornais atuais, buscando problematizar como os movimentos sociais são retratados nos diferentes tempos, assim como os seus manifestantes. Construir com os alunos uma matéria de jornal que reflita o que para eles eram os movimentos sociais do período.

Como alternativa, ao longo das aulas sobre os movimentos podemos colocar músicas do período, assim como analisar cenas de filmes. Em seguida pedir para os alunos anotarem tudo que aqueles movimentos culturais refletem neles visualmente e emocionalmente.

Por fim, é interessante problematizar que mesmo existindo uma memória oficial que silencie os movimentos de apoio à ditadura e ao golpe de 1964, grandes setores sociais apoiaram. O objetivo é ressaltar as motivações para esse apoio. Destaca-se ainda os avanços dos setores radicais de esquerda, que a qualquer custo pretendiam implementar as reformas, para isso analisar o discurso de Jango ~~na~~ ^{na} Central do Brasil é fundamental.

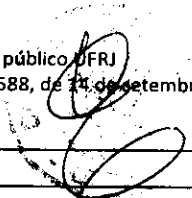
Questão 1

Um dos grandes problemas sociais do Brasil é a questão latifundiária, e a concentração de terra no país está entrelaçada diretamente com a falta de direitos trabalhistas para reger os camponeses e os demais trabalhadores rurais. Historicamente a construção de uma elite senhorial no campo barrou os movimentos sociais existentes, assim como condicionou as relações trabalhistas voltadas para os seus interesses. Dessa forma, a falta de uma legislação que regesse o trabalhador do campo perdurou até a década de 1960 e fruto de diversas reivindicações ao longo desses anos.

Se ao longo da década de 1930 e 40 vimos surgir uma legislação trabalhista, esta só atendeu aos trabalhadores urbanos. A partir do crescimento de um movimento operário ao longo da Primeira República, Vargas construiu seu projeto de governo trabalhista sobre essas reivindicações. Aos poucos o presidente atrelava a garantia dos direitos à sua figura. Contudo, frente ao poder oligárquico ainda existente, os trabalhadores rurais não foram abrangidos.

Todavia, a República democrática viu o surgimento da demanda camponesa, que estava atrelada também à questão da terra. Surgiu, desse modo, as ligas camponesas, comprometidas enquanto ceasse a lutar pelos seus interesses coletivos. Do mesmo modo os trabalhadores rurais também entraram em pauta, reivindicando melhorias trabalhistas e na condição do trabalho e de aposentadoria. Atuaram de diferentes meios, através de negociação com os patrões mas também rompendo com o Estado de trabalho através de greves.

A partir da década de 1970 e 1980, já com o Estatuto do trabalhador rural, instituído na déc. de 1960, as causas do trabalhador rural se aproximam de movimentos pela posse da terra, como "os sem terra", trazendo para a pauta de discussão novamente a


questão latifundiária no país. Ao longo de 1980 esses debates se aprofundam e ganham os políticos que acrescentam garantias ~~para os trabalhadores~~ reivindicadas por camponeses na chamada "Constituição Cidadã" de 1988.